

Lealdades

M.C. Sumner

Página 1.....	Lealdades
	Ficção de M. C. Sumner
Página 13.....	PdMs de <i>Caminho para Urik</i>
	Design de Jogo por David "Zeb" Cook
Página 13.....	Eordornik-Hasaval
Página 14.....	Puram de Urik
Página 15.....	Senador Vildeen
Página 16.....	Mestre Sintha

Este material está protegido pelas leis de direitos autorais dos Estados Unidos da América. Qualquer uso não autorizado do material ou das obras de arte aqui contidas é expressamente proibido sem o consentimento por escrito da TSR, Inc.

A Random House e suas empresas afiliadas detêm os direitos de distribuição mundial no mercado editorial para os produtos em língua inglesa da TSR, Inc. Distribuído para o comércio de livros e artigos de hobby no Reino Unido pela TSR, Ltd.

Distribuído para o comércio de brinquedos e artigos de hobby por distribuidores regionais.

ADVANCED DUNGEONS & DRAGONS é uma marca registrada de propriedade da TSR, Inc.

DARK SUN e o logotipo da TSR são marcas registradas da TSR, Inc.

Copyright ©1992 TSR, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA.

Poucas coisas são tão estúpidas quanto os mekillots. São teimosos, ferozes, propensos a devorar pessoas que se aproximam demais de suas línguas pegajosas e têm um cheiro horrível. Mas suas pernas enormes conseguem carregar uma carga que exigiria duas dúzias de animais menores, e isso faz com que valha a pena o esforço. Na maioria das vezes.

Tarsal chegou ao centro do Mercado Élfico e encontrou uma das criaturas gigantes bloqueando a rua principal. Pedras caídas e pedaços de tecido rasgados de barracas destruídas cobriam a calçada. Alguns homens golpeavam a cauda do mekillot com lanças, mas sempre que a criatura se virava, eles se esquivavam rapidamente.

Tarsal avistou um homem de barba prateada vestindo as roupas coloridas de um líder de caravana e correu para o seu lado. "Este é o seu animal?"

"Isso mesmo", disse o homem. Ele olhou com os olhos semicerrados para as roupas esfarrapadas de Tarsal e depois para a espada de osso que pendia de sua cintura. "Você está com o exército?"

Tarsal assentiu com a cabeça. "Você precisa tirar esse animal da rua. Onde está o seu tratador de mekillot?"

O homem apontou para o lagarto gigante. "Debaixo do mekillot."

"Entendo." Tarsal fechou os olhos, em parte para se concentrar melhor, mas principalmente para esconder o nervosismo. Ele conseguia ouvir a mente do mekillot, um turbilhão de onde emanavam apenas pensamentos de fome e confusão.

Ele logo descobriu que a criatura não estava sendo teimosa; simplesmente não conseguia decidir o que fazer. Tarsal acalmou a criatura o melhor que pôde, depois escolheu uma direção e a direcionou para o animal. Foram necessárias várias repetições desse simples pensamento antes que o mekillot se virasse e começasse a caminhar pesadamente pela rua. Alguns dos espectadores se aproximaram para examinar os restos mortais do infeliz tratador.

"Meus agradecimentos", disse o líder da caravana. "Caso algum dia você procure emprego em uma caravana..."

Tarsal olhou em volta para se certificar de que



Lealdades

ninguém estava observando antes de responder: “Obrigado. Vou me lembrar disso.”

O líder da caravana seguiu o mekillot, que se movia lentamente, para fora do mercado. O corpo do tratador morto foi removido, e os lojistas élficos começaram a limpar os danos causados às suas barracas. Tarsal observou até que as vestes coloridas do líder da caravana se perdessem no caos do mercado, então ele se virou e foi embora.

As ruas empoeiradas de Tyr estavam lotadas de homens e mulheres que, como Tarsal, outrora haviam sido escravos. Poucas semanas haviam se passado desde que celebraram sua liberdade sob o novo rei. Agora, muitos não tinham sequer a escassa comida e água que seus senhores lhes haviam fornecido. Permaneciam sozinhos ou em pequenos grupos à beira da rua sinuosa, observando tudo passar com os olhos embaçados pelo sol escaldante. Vê-los só fazia Tarsal se sentir ainda mais grato por sua posição no exército.

Um rugido começou em seus ouvidos. Em seguida, veio uma dor lancinante que parecia rasgar seu crânio.

Tarsal?

A voz era como vidro quebrado deslizando sobre ardósia, cada som uma agonia à parte. Tarsal levou as mãos à cabeça. Comunicar-se com animais sempre fora fácil para ele, mas a telepatia com outro humano era um sofrimento.

Sim, ele respondeu: Estou aqui.

Aqui é Salidius, disse a voz dilacerante. Venha depressa.

Involuntariamente, Tarsal respondeu em voz alta: “Estou indo”. O zumbido em sua cabeça diminuiu, e ele se encostou na parede aquecida pelo sol de uma loja élfica para esperar a dor persistente passar. Quando a dor se dissipou, Tarsal saiu para a rua e começou a correr.

Bastaram alguns minutos para que ele percorresse as ruas sinuosas do mercado, contornasse a imponente massa do zigurate no coração da cidade e atravessasse a ampla avenida central até a multidão de homens, mulheres, anões, muls e meio-elfos que compunham o exército de Tyr. Alguns soldados montavam tendas no que antes eram os currais dos escravos. Outros

cuidavam de enormes painéis de barro, de onde Tarsal sentia o cheiro de um ensopado ralo. Uma dúzia aguardava para entrar em um prédio de adobe de dois andares que Rikus havia adotado como seu quartel-general. Tarsal dirigiu-se para o edifício.

Salidius estava à porta, sua careca brilhando ao sol da tarde. Assim como Rikus, o antigo gladiador que liderara a rebelião para derrubar o velho rei, Salidius passara muitos anos na arena. Ele ainda vestia sua resistente armadura de couro de ínix, e as cicatrizes da batalha formavam uma pálida teia em sua pele escura.

O velho guerreiro se virou quando Tarsal se aproximou. “Ainda o corredor mais rápido da cidade, hein, jovem Tarsal?”

Tarsal esboçou um sorriso nervoso. “Sim, senhor.”

Salidius grunhiu. “Siga-me. Vamos colocar seus talentos em prática.”

Ele seguiu Salidius enquanto passavam pela sala externa do edifício baixo e através de uma cortina de tiras de couro. Tarsal piscou na penumbra. Uma figura surgiu diante dele, alta e envolta em vestes largas.

“Esta é Bay Saleam”, disse Salidius.

Tarsal avançou para apertar a mão do homem, mas parou ao ver os traços angulosos do rosto por baixo do capuz da túnica. “Ele é um elfo!”

“Um meio-elfo”, corrigiu Bay Saleam. Seu rosto era duro como pedra do deserto.

“Ele vem de uma aldeia de escravos a poucos dias daqui”, explicou Salidius. “Se nosso exército avançar para o norte contra as forças de Urik, precisaremos de ajuda para proteger Tyr de um ataque vindo do sul.”

“Sem dúvida”, disse Bay Saleam. “Se vocês não se protegerem das tribos do deserto, não manterão esta cidade por muito tempo.”

Tarsal olhou alternadamente para o gladiador e para o meio-elfo. “Não entendo. O que isso tem a ver comigo?”

“Precisamos de alguém que possa negociar com o líder da aldeia de Bay Saleam”, disse Salidius.

“Por que você simplesmente não faz isso daqui? Deve haver alguém lá que consiga se comunicar com telepatas em Tyr.”

Bay Saleam balançou a cabeça. “Nosso líder mantém



a aldeia protegida, para que as emanções de nossas mentes não revelem nossa localização aos inimigos.”

“Precisamos de alguém que vá até eles pessoalmente”, disse Salidius. “Alguém em quem possamos confiar. Você pode ir?”

Tarsal engoliu em seco e tentou disfarçar a surpresa por ter recebido uma tarefa tão importante. “E os animais? Se eu não estiver aqui para cuidar deles...”

“Não se preocupem com os animais”, disse Salidius. “Eu me encarregarei de garantir que eles recebam o que precisam.”

Tarsal olhou para seu comandante, esperando que Salidius cumprisse sua palavra. Tarsal não tinha amigos entre os homens do exército, mas os animais eram sua família. Mesmo assim, ele não podia ajudá-los recusando o pedido de Salidius. “Sim”, disse ele. “Eu vou.” Tarsal estendeu a mão novamente para o meio-elfo.

Dedos longos o agarraram com força, causando dor. “Prepare-se para correr”, disse Bay Saleam. “Partiremos esta noite.” A figura alta saiu da sala, deixando um rastro de poeira de suas vestes.

Salidius olhou para a porta por um instante, depois aproximou-se de Tarsal. “Com a aldeia deles nos protegendo, podemos nos dar ao luxo de enviar mais tropas contra Urik.”

“Mas o que posso oferecer aos aldeões?”, perguntou Tarsal. “O que posso dar a eles em troca de nos ajudarem?”

Salidius apertou com força o ombro de Tarsal. “Daremos a você algo para levar a eles como prova de nossas boas intenções. Quanto a quaisquer outras exigências que possam fazer, negocie com firmeza, meu jovem amigo. Mas, no fim, prometa-lhes tudo o que quiserem.” Um sorriso peculiar surgiu no rosto austero de Salidius. “Não pretendo dar-lhes nada.”

As vestes dos três aldeões farfalhavam ao vento. A areia sibilava sob suas botas. Para um grupo tão pequeno, os aldeões apresentavam uma grande variedade de características. Além do meio-elfo alto, havia um mul musculoso cujo braço esquerdo terminava logo abaixo do cotovelo, e uma jovem que seria encantadora se não fosse pela longa cicatriz que percorria seu rosto.

Embora os aldeões não pudessem ser mais diferentes fisicamente, eles eram semelhantes no estilo de corrida: implacável. Tarsal fez o possível para acompanhá-los.

O céu estrelado clareou com a iminência do amanhecer, adquirindo um tom vermelho sujo quando o sol imenso de Athas surgiu no horizonte. O grupo correu para o sul pela estrada comercial compactada, depois abandonou-a e adentrou o deserto de pedras nuas e areia movediça. As muralhas de Tyr desapareceram na distância enquanto o frio da noite dava lugar ao calor escaldante do dia.

Tarsal olhou em volta para a paisagem árida, procurando em vão por algo familiar, mas só havia rocha, areia e alguns arbustos espinhosos raquíticos. Ele lutou contra o pânico ao deixar para trás as ruas que conhecera a vida toda e se aventurar por aquele deserto sem trilhas. As alças de couro da mochila roçavam em seus ombros. Seus olhos ardiavam com a luz forte. Sua garganta secou e sua boca ficou com um gosto amargo.

Ele sentiu alívio quando o grupo mergulhou em um desfiladeiro íngreme e correu à sombra de suas paredes íngremes. Enquanto avançavam, ele avistou movimento ao longo do penhasco acima. Tentou localizar as criaturas, mas encontrou apenas uma fome voraz que rejeitava qualquer contato.

Bay Saleam olhou para Tarsal com olhos negros como a noite. Deu uma ordem e os outros aldeões aceleraram o passo.

Tarsal começou a sofrer com o ritmo mais acelerado, o terreno irregular e o calor intenso. Suas pernas entoavam um cântico crescente de dor, e seus pulmões pareciam queimar a cada respiração. Repetidamente, ele ficava para trás e era forçado a correr mais para acompanhar o passo firme dos outros. Quando o sol se pôs no horizonte, Tarsal estava quase exausto. Ele colidiu com Bay Saleam e caiu no chão duro.

“Fique quieto”, sibilou o meio-elfo. “Algo não está certo.”

Lutando para acalmar a respiração ofegante, Tarsal assentiu com a cabeça. O cânion havia se alargado e as paredes distantes, mais baixas. Logo à frente, abria-se para uma planície pedregosa tingida pela luz sanguinária do pôr do sol. A aldeã sussurrou algo em



Lealdades

um dialeto que Tarsal não compreendeu.

“Os poços de Alreefa estão muito perto”, traduziu Bay Saleam, “mas o perigo nos aguarda lá. Preparem suas armas.”

Tarsal tirou a mochila dos ombros e vasculhou seu conteúdo. Como escravo, tivera poucas oportunidades de manusear armas e menos ainda de usá-las. Duas semanas de guarda na cidade não haviam mudado muito essa situação. Dentro da mochila havia um embrulho em couro oleado contendo uma longa faca de metal reluzente. Era um tesouro que Tarsal recebera para atrair o líder da aldeia. Pensou em usá-la por um instante, mas logo a empurrou de volta para o fundo da mochila. Era uma arma magistral, mas seu metal era tão valioso que Tarsal não confiava que seus companheiros de viagem não o matariam para obtê-la.

Ele voltou sua atenção para a espada. Na luz crepuscular, Tarsal examinou a lâmina de osso, cujas bordas estavam revestidas com lascas de obsidiana. Ele supôs que a espada estava tão afiada quanto jamais estaria.

A um comando discreto de Bay Saleam, o grupo partiu em um ritmo mais lento e furtivo. Alguns minutos depois, pararam novamente. Após outra troca de sussurros em sua própria língua, Bay Saleam aproximou-se de Tarsal.

“Já sabemos o que vamos enfrentar. Os poços foram tomados pelos Hawazar.”

“Hawazar?”

Mesmo na penumbra, Tarsal podia ver o desgosto que distorcia as feições do alto meio-elfo. “Uma das tribos élficas. Nossa aldeia já foi atormentada por eles antes.”

Ele falou em voz mais alta. “Os poços não pertencem a ninguém. Vamos nos aproximar deles abertamente.”

Os aldeões sacudiram a poeira da viagem de suas vestes e ajustaram as facas em seus cintos. De pé, com postura rígida, começaram a caminhar.

O último raio de sol desapareceu e uma brisa soprou do oeste. Grãos finos dançavam pelo chão em minúsculos redemoinhos de poeira. Tarsal posicionou-se atrás dos aldeões com a mão apoiada no punho de sua espada. Logo, a luz bruxuleante de uma fogueira

tornou-se visível à distância. Os aldeões seguiram em frente sem dizer uma palavra, mantendo o mesmo passo.

Quando estavam a cem metros de distância, ouviu-se um coro repentino de gritos e uma agitação repentina ao redor da fogueira. Tarsal assustou-se ao ver dezenas de figuras se movendo no crepúsculo. A princípio, pensou que uma tribo inteira de elfos tivesse se instalado ao redor dos poços, mas alguns passos a mais revelaram que apenas três das figuras escuras eram elfos. O restante eram erdlu.

As aves terrestres piaram e sibilaram enquanto os aldeões continuavam a avançar. Os elfos atravessaram o bando e se posicionaram entre os aldeões e as aves.

“Hawazar”, sibilou Bay Saleam.

Quando Tarsal e os aldeões estavam a uma curta distância, um dos Hawazar gritou para que parassem. Ao contrário das vestes simples dos escravos fugitivos, os Hawazar usavam mantos de penas de erdlu com padrões nítidos, cravejados com pedaços de osso polido.

Por um longo momento, os dois grupos se encararam, sem que nenhum dos lados movesse um dedo sequer. Então, o mais alto e ricamente adornado dos elfos falou. “Um meio-elfo, mul, um par de humanos. Vocês devem ser escravos fugitivos”, disse ele. “Como vieram parar em nosso poço?”

“Não somos mais escravos. Nós nos libertamos”, disse Bay Saleam. “E o Poço de Alreefa não é só seu. Ele pertence a todos. Um raro lugar de paz em um mundo de aflições.”

“Este lugar é dos Hawazar”, disse o elfo. “E escravos não têm permissão para beber em um poço Hawazar.” Houve um murmúrio de concordância entre os outros elfos e um lampejar de raiva entre os aldeões. O líder élfico deu um passo à frente, de modo que seu rosto ficou a apenas um palmo de Bay Saleam. “Escravos não podem beber aqui. A menos que estejam dispostos a pagar.”

“Pagar!” gritou Bay Saleam. “Nunca pagaremos por algo que deveriam ser compartilhado entre todos.”

O elfo deu um passo para trás. “Você pagará, meio-elfo, se quiser beber.”

“Nós não pagaremos.”

“Então vocês morrerão de sede”, rosou o Hawazar.



“Não há água daqui até Fonte Prateada. E não encontrando água, todos vocês morrerão.”

“Teremos nossa água”, disse Bay Saleam. “Mesmo que tenhamos que encharcar a areia com o seu sangue para obtê-la.” Os elfos e aldeões desembainharam suas armas.

Tarsal não desembainhou sua espada. Em vez disso, estendeu a mão e encontrou as mentes dos erdlu. Eram pouco mais inteligentes que mekillots, criados apenas para sua carne e seus ovos, mas não eram indefesos. E mesmo a mente diminuta de um erdlu abrigava alguma inimizade por aqueles que o escravizavam. Tarsal encontrou esse ressentimento. Alimentou-o. Observou-o crescer.

O líder Hawazar ergueu uma longa espada de osso. “São vocês, escravos, que darão seu sangue para...”

O longo pescoço de um erdlu avançou rapidamente e um bico afiado atingiu o rosto do elfo. O Hawazar se virou para enfrentar o ataque inesperado, e o erdlu desferiu um chute que fez o elfo rolar pela areia.

O mul maneta saltou sobre o elfo caído. Sua longa espada de madeira desferiu um golpe devastador.

Bay Saleam brandiu sua lâmina curva contra um segundo elfo. A arma cortou o manto do elfo e levantou uma nuvem de penas, mas o elfo bloqueou o golpe antes que pudesse causar dano. A jovem se esquivou entre os combatentes, atacando o elfo com longas facas de pedra.

Tarsal investiu contra o Hawazar restante, mas o elfo havia recuperado o fôlego e sua lâmina encontrou a de Tarsal em uma defesa certeira. Faíscas voaram quando as lâminas afiadas de pedra colidiram.

Tarsal recuou, ouvindo apenas vagamente a luta à sua esquerda. O elfo circulou, buscando vantagem. Mais erdlu estavam espalhados por perto. Tarsal direcionou seus pensamentos para eles. Ele sondou as mentes dos animais, procurando os fios que poderiam incitá-los a lutar.

Uma onda fulminante de energia mental varreu a mente desprotegida de Tarsal. Ele caiu de joelhos, a espada esquecida ao lado, e agarrou o crânio latejante. Ouviu a risada áspera do Hawazar e o assobio de uma lâmina cortando o ar. Sentiu a lâmina penetrar seu

ombro, o fio raspando no osso. Tarsal ergueu os olhos e viu o Hawazar se preparando para outro golpe.

Uma figura encapuzada surgiu de repente no campo de visão de Tarsal e derrubou o elfo. Ouviu-se o som de uma lâmina de osso sendo cravada profundamente, seguido de um único grito.

Bay Saleam estava de pé sobre Tarsal. “Os Hawazar estão mortos.”

“Que bom”, tentou responder Tarsal, mas nenhum som saiu de sua boca.

Os longos braços do meio-elfo se estenderam e mãos fortes ajudaram Tarsal a se levantar. “Iremos aos poços. Lá poderemos cuidar melhor do seu ferimento.”

Tarsal virou a cabeça o suficiente para ver o estrago feito pela lâmina de Hawazar. A carne estava rasgada, e ele podia sentir o sangue quente escorrendo pela lateral do corpo. Mas não havia dor.

Ele tentou dar um passo. O chão surgiu repentinamente e o atingiu no rosto.

Quando Tarsal acordou, encontrou os aldeões sentados em volta de uma pequena fogueira. “Ah”, disse Bay Saleam. “Venha se juntar a nós.”

Uma dor aguda no ombro alertou Tarsal para não colocar muito peso no braço. Virando a cabeça, viu que seu peito e a parte superior do braço estavam envoltos em um pano. Ele se ergueu apoiando-se no braço ileso e caminhou até a fogueira. “Agradeço por cuidarem do meu ferimento.”

Bay Saleam acenou com a mão em sinal de desdém. “Diga-me, foi você quem provocou o ataque dos erdlu?”

“Sim”, disse Tarsal. “Pareceu-me a coisa certa a fazer.”

“Vejam”, disse Bay Saleam, voltando-se para os outros aldeões, “eu lhes disse que era ele. Seu poder pode ter sido tudo o que nos salvou da morte. Venham, meus amigos. Este habitante da cidade correu conosco e lutou ao nosso lado. Não deveríamos recebê-lo como nosso companheiro?”

“Eu sou Aloh”, disse a jovem, “a rastreadora da aldeia”. Era a primeira vez que Tarsal ouvia algum dos aldeões, com exceção de Bay Saleam, falar na língua comum.

“Meu nome é Chak”, disse o mul. Ele abaixou o



Lealdades

capuz, revelando uma representação assustadora do dragão tatuado em sua cabeça calva. “Saudações.”

Tarsal não sabia bem como responder. “É um prazer conhecê-lo.”

Bay Saleam falou novamente. “O elfo com quem você lutou portava uma espada poderosa. Você a reivindica?”

Tarsal olhou para a arma. Era de fabricação primorosa, certamente capaz de garantir o sustento de vários dias nos mercados de Tyr. Mas devia significar mais do que isso para um povo que dependia de armas para sobreviver. “Não. Fique com ela.”

Bay Saleam assentiu lentamente. “Conte-nos sobre você. Se estamos viajando juntos, devemos saber algo a seu respeito.”

“Receio que tenha muito pouco a contar”, disse Tarsal. “Até algumas semanas atrás, eu era escravo. Quase nada acontece a um escravo.”

“Todos nós já fomos escravos. Não há vergonha nisso”, disse Aloh. Ela arqueou uma sobrancelha e lançou um olhar travesso para Tarsal. “Como você se tornou escravo? Tentou roubar a concubina do rei?”

Tarsal sentiu o rubor subir à sua face e desviou o olhar dos rostos curiosos. “Não. Foi algo que aconteceu quando eu era muito jovem. Algo que meu pai fez.”

“Ah”, disse Aloh, “foi ele quem roubou a concubina!” Os aldeões riram juntos.

“Na verdade”, disse Tarsal em voz baixa, “ele foi preso por usar magia.”

Os aldeões pararam de rir. Quando Tarsal baixou os olhos, percebeu que eles o encaravam com raiva.

“Este é um ponto em que nós e os moradores da cidade concordamos”, disse Bay Saleam. “Não se deve confiar em quem usa magia. Eles buscam controlar os outros através de poderes obscuros.”

A mandíbula de Tarsal se contraiu. “Meu pai não estava atrás de poder”, protestou ele. “Ele se importava apenas com os animais e as plantas. Ele usou suas habilidades para melhorar os campos ao redor da nossa cidade.”

“Como o rei poderia se opor a isso?”, perguntou Aloh.

Tarsal começou a responder, mas Bay Saleam foi

mais rápido. “Os reis feiticeiros sempre temem outros usuários de magia, não importa quais sejam seus motivos.”

Tarsal assentiu com a cabeça. “E quando meu pai foi descoberto, eles vieram à noite e nos levaram embora.” Um vento frio assobiou pelas areias, agitando as chamas da fogueira. “Nunca mais o vi.”

“Veja bem”, disse Bay Saleam. “Você tinha uma história interessante. Uma história com um rei, um mago, uma causa justa e sofrimento injusto. Não se preocupe se não foi uma história feliz. Todos nós já fomos escravos e sabemos que há lições tanto na tristeza quanto na alegria.”

O meio-elfo se levantou. “Agora é hora de descansar. Nosso novo companheiro está ferido, e amanhã precisamos percorrer cinquenta quilômetros se quisermos chegar à nossa aldeia no dia seguinte. Eu ficarei de vigia no primeiro turno.”

Os ventos aumentaram durante a noite, soprando pequenos montes de areia ao redor de cada corpo deitado. A temperatura caiu até que Tarsal tremeu em suas roupas finas. Ele se sentou e rastejou para mais perto das chamas baixas da fogueira. Olhou para seus companheiros: Aloh dormindo com o capuz cobrindo o rosto, o corpo esguio de Bay Saleam estendido na areia, a figura poderosa de Chak enquanto o mul fazia sua vigília. Todos eles haviam sido escravos em alguma das cidades, mas abandonaram a vida urbana em busca da liberdade rústica do vasto deserto. Tarsal conseguiria tomar tal decisão? Adormeceu ao lado do fogo e permaneceu ali pelo resto da noite, congelando de um lado e assando do outro.

Os aldeões levantaram-se antes do amanhecer e tomaram um bom café da manhã com carne e ovos de um dos erdlu dos Hawazars. Tarsal recusou a carne; não queria ter nada a ver com o abate da ave. Todos os membros do grupo beberam até se fartarem da água amarga dos poços, e todos os odres ficaram cheios até transbordar. Sem nenhum sinal do nascer do sol, o grupo partiu sob o céu estrelado.

As pedras por onde corriam haviam sido polidas pelo vento constante e pela chuva esporádica. Tarsal as achava muito escorregadias. Seu braço rigidamente



enfaixado desequilibrava-o e ele tropeçava com frequência. Os aldeões estavam mais falantes, mas, apesar do aumento da camaradagem, não diminuíram o ritmo frenético. Como Bay Saleam havia dito, fazer isso significaria passar mais um dia sem ir ao poço, e eles não tinham água suficiente para mais um dia.

Bay Saleam permitiu que descansassem do calor da tarde. Sem nenhuma pedra maior que um punho à vista, o grupo foi obrigado a deitar-se sob o sol escaldante. Enquanto descansavam, um enxame de moscas mordedoras os encontrou e Tarsal se debatia desesperadamente enquanto os insetos atacavam seu ferimento. Os aldeões simplesmente fecharam bem seus mantos e esperaram o ataque passar.

“Diga-me”, chamou Bay Saleam, com a voz abafada pelo manto, “o que você acha do seu novo rei?”

Tarsal pensou por um instante antes de responder. “Ele libertou os escravos. Isso o torna melhor que o antigo rei.”

“Ele libertou os escravos, você diz? E a quem você serve agora?”

“Estou no exército”, disse Tarsal.

“Não seria isso apenas mais uma forma de escravidão?”, perguntou Bay Saleam.

“Eu sirvo à minha cidade”, disse Tarsal. “Você não serve à sua aldeia?”

Houve uma longa pausa antes que o meio-elfo respondesse. “De fato. Mesmo um homem livre deve servir a alguma causa. A diferença entre um homem livre e um escravo é que o homem livre escolhe a quem deve lealdade.”

Enquanto se preparavam para partir, Aloh pegou um pedaço de madeira ressecada do chão do deserto. “Parte de um bando”, disse ela. Ela segurou o fragmento contra a testa e fechou os olhos. “Thri-kreen.”

“Há quanto tempo?” perguntou Bay Saleam.

A mulher balançou a cabeça. “Difícil dizer. Eu nunca consigo leituras fortes de thri-kreen.”

Tarsal olhou em volta, ansioso. Ele já havia encontrado os guerreiros mantídeos diversas vezes em Tyr, e não tinha o menor desejo de ser caçado por aqueles insetos incansáveis do tamanho de um homem.

Bay Saleam deu o sinal e o grupo partiu novamente.

Ao final do dia, chegaram à borda da planície rochosa e alcançaram o início de um campo de areia clara, pontilhado por pequenas dunas e manchas de grama marrom raquítica. Ali acamparam.

Apesar de os aldeões terem cuidado dele enquanto estava ferido, Tarsal ainda se sentia nervoso por dormir na presença daqueles estranhos. Mas ficou contente por Bay Saleam não lhe ter atribuído nenhum turno de vigia. Logo depois de terem jantado a sua escassa refeição, repleta de areia, ele adormeceu num sono que nem os ventos frios da noite conseguiram perturbar.

Bay Saleam acordou Tarsal enquanto os aldeões se preparavam para partir e entregou-lhe um pedaço de carne seca. “Hoje”, anunciou o meio-elfo, “chegaremos ao Mar de Silte. De lá, é apenas uma curta corrida até nossa aldeia.”

Correr na areia era cansativo, mas as dunas ofereciam uma base muito melhor do que as rochas escorregadias do dia anterior, e o grupo fez bom progresso. O sol nasceu à direita, projetando sombras nítidas sobre a areia clara. O frio da noite logo se dissipou. Por volta do meio da manhã, o deserto fervia de calor. O braço ferido de Tarsal estava mais rígido do que no dia anterior e doía a cada passo. Também suava e coçava de forma irritante dentro da tipoia de pano. Era o suficiente para atrapalhar a corrida de Tarsal e fazê-lo lutar ainda mais para acompanhar os aldeões. Quando uma longa e escarpada formação rochosa surgiu das planícies à frente, Tarsal ficou muito feliz por Bay Saleam ter convidado para um breve descanso à sua sombra.

À medida que se aproximavam, Tarsal viu que as pedras estavam cobertas de entalhes e fileiras e mais fileiras de runas gravadas com precisão. Ao redor da base da formação, havia pilhas de pedras quebradas e blocos do tamanho de casas que traziam as marcas de ferramentas de extração.

Bay Saleam chamou a atenção. “É cedo para parar e descansar”, disse o meio-elfo. “Mas corremos muito esta manhã e não encontraremos outro abrigo hoje. Ficaremos aqui até o pôr do sol.”

“Ótimo”, disse Tarsal. “Que lugar é este? Quem fez todas essas marcas?”



Lealdades

Bay Saleam olhou para as paredes de pedra cinzenta desgastada. “Não sabemos. Sempre foi assim.”

Antes que Tarsal pudesse se sentar, um músculo de sua perna foi acometido por um espasmo doloroso. Ele mancava, esfregando a coxa enquanto tentava aliviar a câibra, caminhando com dificuldade por vários minutos até que a dor começasse a diminuir. Conforme a dor se dissipava, Tarsal avistou uma fenda larga na parede de pedra e entrou na escuridão fresca. Seus olhos quase haviam se acostumado à penumbra quando uma dor aguda o atingiu na cabeça e o fez cair de joelhos. Tudo durou apenas um segundo e não passou de uma rápida inspeção mental.

Ele saiu apressado da caverna, mas a apenas dois passos da entrada ouviu gritos e sons de luta no ar límpido do deserto. Tarsal desembainhou sua espada de lâmina vítrea e correu.

Ao contornar o último bloco de pedra caído, ele viu que os aldeões estavam em combate com um bando de thri-kreen.

Dois dos guerreiros mantídeos haviam sido abatidos, mas as rochas estavam manchadas com tanto sangue vermelho quanto com a cor dos thri-kreen. Aloah já jazia imóvel, seu pequeno corpo estendido sobre uma pilha de escombros. Com as costas contra a pedra cinzenta das ruínas, Chak repelia um par de monstros com uma espada enorme. Bay Saleam estava no topo de um monte de pedras, golpeando um thri-kreen que tentava subir para se juntar a ele. Ambos os aldeões sobreviventes haviam sido atingidos por golpes das armas dos thri-kreen.

Tarsal tentou controlar a mente de um dos guerreiros de seis patas, mas a mente do thri-kreen era tão fria e implacável quanto vidro. Ele correu por trás de um dos guerreiros mantídeos que atacava Chak e brandiu sua espada em um longo arco assobiado. Sua lâmina afiada atingiu o thri-kreen, rachando a casca dura de seu pescoço fino. A lâmina de Chak deslizou e atingiu logo acima da de Tarsal. A arma do mul ergueu a cabeça do thri-kreen no ar. O objeto horripilante caiu na areia aos pés de Tarsal, os olhos negros e opacos tão inalterados na morte quanto em vida.

Sua lâmina atingiu o thri-kreen, rachando a pele dura

de seu pescoço fino. A lâmina de Chak deslizou e atingiu logo acima da de Tarsal. A arma do mul ergueu a cabeça do thri-kreen no ar. O objeto horripilante caiu na areia aos pés de Tarsal, os olhos negros e opacos tão inalterados na morte quanto em vida.

O outro thri-kreen golpeou Tarsal com uma lança cristalina. Tarsal recuou bruscamente, mas a ponta roçou suas costelas, abrindo um fino corte de sangue e libertando sua coleção de odres de água. A preciosa água espirrou sobre as pedras.

Chak avançou em direção ao thri-kreen. Este se virou para encarar a ameaça. Tarsal avançou novamente. O guerreiro mantídeo girou sua cabeça bulbosa para frente e para trás entre Tarsal e o mul. Por um instante, o triângulo de lutadores ficou paralisado enquanto cada um ponderava as opções, então o thri-kreen recuou rapidamente. Virou-se e desapareceu entre os blocos de pedra.

Chak recuou contra a parede. Ferimentos em seu braço e peito sangravam profusamente. Olhando para o monte de escombros, Tarsal viu que Bay Saleam continuava seu duelo com o último thri-kreen. A cada golpe desferido por Bay Saleam, o mantídeo aparava. A cada investida do thri-kreen, Bay Saleam esquivava-se. Mas o meio-elfo estava se cansando, e seu manto estava esfarrapado e manchado de sangue.

“Vá até ele”, disse Chak. O mul de uma mão deslizou para baixo até que ele estivesse sentado. “Não posso.”

Tarsal começou a correr em direção à base do monte, mas Bay Saleam o deteve. “Corra!” gritou ele. “Leve Chak e corra!”

Tarsal ergueu os olhos e viu que o meio-elfo estava preso contra um bloco de pedra. Ele ainda tentava aparar os golpes do guerreiro mantídeo, mas sua espada de osso estava se estilhaçando sob a força do ataque.

Bay Saleam ergueu a mão livre e apontou para a areia. “Estão vindo mais! Corram!”

Com isso, ele avançou. A lâmina do thri-kreen afundou na carne de sua perna, mas Bay Saleam envolveu o mantídeo com seus longos braços e, juntos, os inimigos despencaram de seu poleiro rochoso. O thri-kreen emitiu um som lamentoso ao cair. Eles rolaram ladeira abaixo em uma chuva de poeira e pedras.



Quando chegaram ao sopé da encosta, o guerreiro mantídeo jazia destroçado.

Bay Saleam sentou-se com um gemido. “Chame Chak. Das rochas, eu conseguia ver mais thri-kreen se movendo em nossa direção.”

Tarsal correu de volta para onde Chak estava encostado na parede de pedra. “Venha depressa, temos que ir embora.”

O mul assentiu vagamente, mas permaneceu sentado.

Tarsal agarrou Chak pelo braço bom e tentou levantá-lo, mas ele era pesado demais. O mul gemeu e caiu de volta na areia.

Tarsal correu de volta para Bay Saleam. “Chak está gravemente ferido. Vou precisar de ajuda com ele.”

O aldeão balançou a cabeça. “Precisamos ir agora.”

“Não podemos simplesmente deixá-lo para trás!”

“Nenhum de nós consegue carregá-lo”, disse Bay Saleam. “Se ficarmos aqui, todos morreremos. Você precisa me ajudar a levantar para que eu possa nos guiar até o próximo oásis.”

“Mas ele é seu amigo! Como você pode simplesmente abandoná-lo?”

Bay Saleam olhou para o mul caído do outro lado da areia. “Ele era meu amigo. Agora ele é apenas um fardo, e o deserto não tolera aqueles que viajam com um fardo.”

Sons de passos apressados ecoaram da parede de pedra enquanto o thri-kreen se aproximava. Tarsal estendeu a mão. Bay Saleam agarrou sua mão e se levantou, sibilando de dor entre os lábios cerrados. O meio-elfo deu alguns passos cambaleantes antes de Tarsal se posicionar sob o braço de Bay Saleam. Com o sangue encharcando o tecido pálido do manto do aldeão e Tarsal grunhindo a cada movimento do braço ferido, eles mancaram para dentro do deserto.

“Os thri-kreen”, Tarsal ofegou. “Será que eles nos seguirão?”

“Para eles, não passamos de comida”, disse Bay Saleam. “Eles vão parar para comer Aloh e Chak. Mas se estiverem com muita fome, vão nos seguir.”

O sol brilhava num vermelho intenso e doloroso, e o ar estava carregado de fumaça.

Com a areia impelida por um vento abrasador, Bay

Saleam mal conseguia se manter consciente, e sua perna ferida deixava um sulco ao se arrastar pela areia. Para Tarsal, cada passo se tornava um desafio. Muitas vezes, a dupla tropeçava no chão, e a cada queda, levavam mais tempo para se levantar. No calor intenso da tarde, Tarsal alucinava que os outros aldeões ainda estavam ao lado deles; ele conseguia ver claramente o bando dos thri-kreen saindo do lado de Chak, e o rosto de Aloh estava tão pálido e sua cicatriz não era visível. Ao pôr do sol, esses companheiros fantasmagóricos desapareceram na imensidão do deserto.

Tarsal parou. Não havia abrigo nem água à vista, e ele já não sabia se caminhava em direção ao Mar de Silte ou de volta para o thri-kreen. Solto Bay Saleam, e o meio-elfo caiu na areia como se estivesse morto. Estavam feridos e exaustos, mas o pior de tudo era que nenhum dos dois conseguira escapar da luta com água.

Uma única tarde sem água deixou Tarsal dolorosamente desidratado. A cada respiração, ele achava que podia ouvir seus pulmões secos farfalhando. Sua pele parecia esticada sobre músculos que haviam se transformado em madeira quebradiça.

Bay Saleam jazia de lado, os olhos opacos e amarelados, o rosto duro agora inexpressivo. “Aqui vamos morrer.”

“Precisamos encontrar água”, disse Tarsal, com a língua inchada.

O meio-elfo balançou a cabeça lentamente. “Não tem água. Se os thri-kreen não vierem nos buscar durante a noite, o sol nos exterminará quando nascer novamente.”

Tarsal lançou a mente pelo deserto. Se conseguisse encontrar animais naquela planície árida, talvez pudesse segui-los até um oásis. Caso contrário, os próprios animais poderiam fornecer o líquido necessário. A princípio, não encontrou nada. Forçou a mente a ir mais longe e tentou novamente. Desta vez, sentiu... algo. Algo desconhecido.

“O que tem a oeste?”

“Não importa a direção que você tente”, disse Bay Saleam. “Estamos a mais de um dia da água. Em breve, nutriremos o deserto, como Aloh e Chak fazem agora.”



Lealdades

“Se não importa para que lado formos”, respondeu Tarsal, “então iremos para o oeste.”

Levou alguns minutos para que ele conseguisse fazer o meio-elfo se levantar, e novamente Tarsal teve que suportar grande parte do esforço. Eles caminharam lentamente pela areia enquanto o céu escurecia e o ar esfriava. As luas surgiram e o deserto ficou amarelo sob sua luz sinistra. Enquanto caminhava, Tarsal dirigia seus pensamentos repetidamente para o oeste. E sempre encontrava a sensação tentadora e indefinida que já havia experimentado antes.

Após horas de caminhada, finalmente chegaram a uma ruína imensa, um círculo de pedras negras que se estendia em direção às estrelas. Dentro do círculo, o terreno descia abruptamente em sucessivas camadas de pedras rachadas e quebradas. O centro das ruínas estava perdido em sombras escuras.

Conhece este lugar?

Bay Saleam ergueu a cabeça. “Não, eu... Por todos os elementos, temos que ir embora!” Ele puxou Tarsal com uma força surpreendente.

Tarsal olhou em volta, mas não viu nada. Os animais que ele pressentira estavam por perto, mas ele ainda não conhecia sua natureza. “Que lugar é este?”

“Este círculo de pedras. Nunca estive aqui, mas fui avisado sobre este lugar. Chama-se Poço de Alassam. É um lugar de magias malignas e criaturas monstruosas.”

Como que em resposta às suas palavras, um rugido ecoou da escuridão profunda abaixo. Com passos lentos que faziam o chão tremer, um par de figuras escuras ascendeu pelas saliências de pedra desmoronada. Ao emergirem para a luz da lua, Tarsal pôde distinguir olhos brilhantes em cabeças semelhantes às de pássaros imensos. Em seguida, vieram ombros largos, braços fortes e mãos enormes que empunhavam espadas mais longas que um homem.

“Falcões Gigantes!” gritou Bay Saleam. Mais uma vez, ele puxou o braço de Tarsal, tentando afastá-lo do círculo de pedras.

Tarsal já havia visto criaturas como aquelas nas arenas de Tyr. Eram necessárias quatro — às vezes até cinco — gladiadores experientes para derrubar uma única fera. Seu lado animal talvez permitisse que suas

habilidades psiônicas exercessem algum controle sobre elas, mas ele sabia que seria impossível dominar as duas ao mesmo tempo.

Os gigantes se aproximavam lentamente, com os bicos escancarados em antecipação à refeição. Eles emitiram um rosnado baixo e retumbante que Tarsal sentiu mais com as solas dos pés do que com os ouvidos.

Ele estendeu a mão para pegar sua espada, mas ela havia sumido, perdida em algum lugar na confusão daquela tarde. Bay Saleam estava paralisado, encarando as feras que se aproximavam com uma expressão que transcendia o terror e se transformava em aceitação.

Os gigantes alcançaram o círculo de pedras. Tarsal lançou seu poder mental contra eles num esforço desesperado e encontrou... nada. Nenhum escudo mental, nem mesmo a vaga consciência da besta mais insignificante. Nada.

Soltando a manga de Bay Saleam, Tarsal deu um passo em direção aos gigantes. Os monstros com cabeça de falcão permaneceram dentro do círculo de pedra, rosnando e brandindo suas espadas enormes. Mais um passo. Os gigantes rugiram mais alto e praticamente cortaram o ar com a velocidade de seus golpes. Mais um passo. Os gigantes congelaram.

Os dois gigantes falcões desapareceram na luz do luar, seus rugidos pairando no ar muito tempo depois de suas imagens terem sumido.

“Que loucura é essa?” exclamou Bay Saleam, ofegante. O meio-elfo cambaleou para a frente e parou ao lado de Tarsal.

“Você estava certo em uma coisa. Aqui têm magia. Mas aqueles monstros eram apenas uma ilusão.”

Com Bay Saleam logo atrás, Tarsal passou entre as pedras. Os degraus que os gigantes haviam subido com tanta facilidade representavam uma queda maior que a altura de um homem. Tarsal sentou-se e olhou para o primeiro declive. “Vou precisar de ajuda com isso”, disse ele, erguendo o braço ferido.

O rosto de Bay Saleam se voltou para Tarsal, depois para a escuridão abaixo. “Você realmente vai descer a este lugar terrível?”

“Sim”, disse Tarsal. “Você mesmo disse que não sobreviveríamos mais um dia. É melhor vermos o que



há aqui.”

“Assim é.” O meio-elfo ergueu os olhos para as estrelas acima. “Recebam-me, ó elementos. Ele ajudou a baixar Tarsal até a saliência logo abaixo e, em seguida, lançou-se por sobre a borda. Sua perna ferida cedeu, fazendo-o cair sobre a pedra áspera.” Quantos desses desníveis ainda teremos de descer?”

Tarsal olhou para a escuridão. “Não muitos. Vamos lá.”

Eles já haviam repetido a queda três vezes quando Bay Saleam colocou a mão no ombro de Tarsal. “Pelos elementos! Você está sentindo o cheiro?”

Tarsal inspirou o ar frio da noite. Nenhum odor, mas aquela sensação de formigamento de uma mente animal desconhecida era muito mais forte. “Não sinto cheiro de nada.”

“Então a cidade estragou seu nariz. Estou sentindo cheiro de água! Muita água!”

Apressadamente, desceram os três degraus seguintes. As saliências iam ficando cada vez menores à medida que desciam, até que finalmente assumiram a largura de passos humanos. Com as luas subindo cada vez mais alto no céu para iluminar o caminho, seguiram em direção ao centro do Poço de Alassam.

Ao inspecionar de perto, Tarsal descobriu que o fundo do poço continha uma cúpula de pedra negra. Ao redor da cúpula, havia um padrão espiral formado por centenas de runas gravadas. “Já vi isso antes”, disse Tarsal.

“Você sabe o que elas dizem?”

Tarsal balançou a cabeça. “Não. Mas meu pai usava alguns desses símbolos em sua magia.”

Após vários minutos de busca, encontraram um recesso na rocha lisa e um painel deslizou para o lado. Uma luz azul pálida vazou. Eles atravessaram a porta.

A cúpula negra revelou-se apenas a cobertura de uma imensa câmara subterrânea. Ela cobria uma plataforma circundada por outra série de degraus baixos. Mas onde os degraus externos levavam à escuridão, estes conduziam à luz — uma luz azul brilhante que emanava de uma massa de água que os rodeava por todos os lados. Um anel de água cristalina com várias centenas de passos de diâmetro.

“Glória aos elementos!” exclamou Bay Saleam.

Tarsal ficou estupefato. Ao seu redor, a vida era abundante, toda sustentada por magia. Era a prova do que seu pai lhe dissera quando criança: que a magia boa podia nutrir e proteger. E havia algo mais. O tênue lampejo de mentes animais que sentira ao se aproximar do poço agora era avassalador. Desceu até o degrau mais baixo e viu que a água fervilhava com formas amarelas e vermelhas, pretas e laranjas, brancas e verdes. Um número fantástico delas, movendo-se juntas como nuvens de pássaros.

“O que é isso?”

Bay Saleam mancava e olhou com desdém para as criaturas na água. “Animais que vivem na água? Nunca ouvi falar de tal coisa. Devem ser experimento de algum mago louco.”

As mentes que se comunicaram com Tarsal eram minúsculas, mas seus pensamentos eram diferentes de tudo que ele já havia experimentado. Pensamentos tranquilos. Pensamentos como água correndo sobre pedras cobertas de musgo. Embora ainda não tivesse bebido nada, a sede de Tarsal havia se dissipado, tornando-se uma vaga lembrança. “São maravilhosos”, disse ele.

Bay Saleam grunhiu. “Esperemos que não estraguem a água.” O meio-elfo ajoelhou-se e pegou um punhado de água. Bebeu com cautela a princípio, depois bebeu avidamente.

Tarsal sentou-se no último degrau e deixou os pés balançarem na água. A maioria dos animais fugiu, mas alguns mais corajosos permaneceram. As formas de cores vivas circulavam ao redor de seus pés, agitando membranas translúcidas e bicando o couro gasto de suas botas com bocas adornadas por tentáculos flutuantes.

“Não tem tanta água quanto Fonte Prateada”, disse Bay Saleam. “Mas é mais doce.”

“Sim” disse Tarsal. “É doce.” Ele tentou enviar uma mensagem aos animais aquáticos, mas não conseguiu entender a resposta. Uma das maiores criaturas flutuou até a superfície e se virou, de modo que um de seus olhos bulbosos o encarava. Enquanto o observava, Tarsal sentiu uma atividade mental mais intensa.



Lealdades

Percebeu que não era uma única criatura que falava com ele, mas grupos delas. Seus pensamentos simples se sobrepunham e ecoavam em algo que estava além da compreensão de Tarsal. Algo que ia muito além das deliberações monótonas de um animal.

Tarsal conseguia ouvir Bay Saleam falando com ele e vagamente via o meio-elfo se movendo pela câmara, mas não prestou atenção. Bastava um pouco mais de concentração e ele entenderia o que essas criaturas incríveis estavam tentando lhe dizer.

Os dedos do elfo se fecharam no ombro de Tarsal. “É um milagre que este lugar ainda exista. Essas ilusões são poderosas, mas não podem proteger esta riqueza para sempre. Fiz alguns recipientes com plantas que crescem na margem do lago. Precisamos partir agora se quisermos retomar nosso curso antes do nascer do sol.”

Tarsal permaneceu de pé, com os olhos fixos nos padrões em constante mudança dos animais que se moviam na água azul. Seu pai costumava dizer que a beleza do mundo residia em suas criaturas. Tarsal jamais vira um lugar onde isso fosse tão verdadeiro. Bay Saleam seguiu seu olhar. “Voltaremos em breve”, prometeu.

O fechar da porta na cúpula reduziu os pensamentos dos animais aquáticos a um murmúrio. Com o braço enfaixado de Tarsal e a perna ferida de Bay Saleam, a subida pelos degraus gigantes consistia em juntar blocos de pedra desmoronada e empilhá-los até conseguirem se erguer. As frágeis cestas que Bay Saleam havia construído para armazenar água só aumentavam o fardo e tornavam a subida ainda mais lenta. O sol, já alto, despontava no horizonte quando finalmente chegaram ao topo.

A água revigorou Bay Saleam. Ele mancava da perna ferida e mal conseguia andar em ritmo de caminhada, mas sua postura era ereta e seu rosto austero suavizava-se com um sorriso. Durante a manhã, atravessaram dunas baixas e campos de sal reluzente. Quando pararam para o descanso do meio-dia, estavam à beira de um campo de grama baixa e arbustos raquíticos.

“Chegaremos à aldeia esta noite ou no início de amanhã”, disse Bay Saleam. “E com as notícias que se você falar disso, nosso líder certamente verá sua missão

com bons olhos.”

Tarsal estava intrigado. “Notícias?”

“Verdadeiramente. Notícias do oásis que encontramos. Quando transferirmos a aldeia para o lago, nos tornaremos uma das tribos mais ricas de todos os planaltos.”

“Você acha que eles vão transferir a vila para a mina?”

“Claro.”

“Mas e os animais? As criaturas que vivem na água?”

Bay Saleam acenou com a mão em sinal de desdém. “Muitos escravos em nossa aldeia trabalhavam nos campos da cidade. Eles conhecem a arte de conduzir água por valas para cultivar quilômetros de deserto.”

“Por quanto tempo?”, perguntou Tarsal.

“Por anos suficientes para aumentarmos nossos rebanhos e a força da aldeia. Talvez nos tornemos uma cidade nós mesmos.” O meio-elfo deu uma risada áspera. “Talvez tenhamos nossos próprios escravos!”

Tarsal abriu sua mochila surrada. “Isso me lembra, tenho outro presente para o seu líder.” Ele tirou o pacote de couro e desembalhou a faca. A lâmina polida refletia a luz sangrenta do sol.

“Uma bela arma. Nosso líder ficará satisfeito.”

“Sim, tenho certeza que sim.” Tarsal avaliou o peso da lâmina em sua mão. “É uma viagem difícil daqui até sua aldeia?”

“Não”, disse Bay Saleam. “Uma criança conseguiria fazer o percurso. A aldeia fica naquela direção.” Ele apontou para o norte, através das dunas onduladas.

Tarsal cravou a adaga nas costas do meio-elfo e a manteve ali até que Bay Saleam cessasse a luta.

“Você tinha razão”, disse Tarsal. “Um homem livre precisa decidir onde reside sua lealdade.” Ele descansou por alguns minutos e então começou a voltar em direção ao poço.

PdMs de Caminho para Urik

Esta seção descreve quatro PdMs que podem se tornar inimigos poderosos e de longo prazo dos personagens. Os heróis podem não encontrar todos esses PdMs, nem necessariamente antagonizá-los durante o curso da aventura. No entanto, a possibilidade de criar inimizades com esses personagens existe, e por isso eles são detalhados aqui.

A aventura anterior, *Liberdade* (que você não precisa ter jogado para aproveitar esta aventura), inclui vários aliados em potencial para os personagens dos jogadores. Se esses PdMs sobreviveram, eles podem servir como contraponto aos inimigos abaixo. Ao combinar as informações de contexto e os personagens de ambas as aventuras, Tyr se transforma de mais uma cidade-estado em uma base de campanha emocionante e realista para sua campanha de DARK SUN.

Assim como *Liberdade*, as informações aqui contidas incluem estatísticas, histórico e comportamento de cada PDM. Naturalmente, sinta-se à vontade para alterar essas informações da maneira que achar melhor para uso em sua própria campanha.

Eordornik Hasaval

Templário Humano
6º Nível
Neutro e Mau



FOR 11 INT 18
DES 15 SAB 16
CON 14 CAR 9

CA 6; pv 14;
TAC0 18;
#Ataques I
Dano causado por arma

Magias Templárias:
Nenhuma. (Com a morte

de Kalak, todos os seus templários perderam suas magias. Eles só podem recuperá-los aliando-se a outro rei-feiticeiro.)

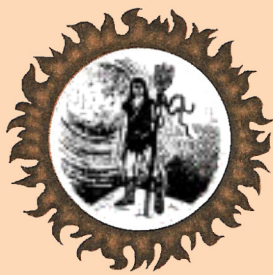
Eordornik Hasaval, mais conhecido como Hasaval, o Varl (uma criatura pequena e repugnante que se

assemelha a uma lesma escamosa), é um homem baixo e furtivo: o epítome daquilo que muitos detestam nos templários.

Uma criança doentia e antipática, Hasaval passou sua juventude atormentando os mais fracos e manipulando os mais fortes e extrovertidos. Com o tempo, Hasaval aprimorou suas habilidades e sempre conseguia enganar os outros para que fizessem seu trabalho ou lutassem suas batalhas. Assim, parecia que Hasaval era um talento nato destinado à grandeza quando ingressou nas fileiras dos templários.

Foi o novo poder adquirido com as vestes negras que levou à ruína de Hasaval. O mero manto que usava lhe conferia autoridade, mas Hasaval jamais a compreendeu plenamente. Continuou com suas ameaças e manipulações, chegando a conspirar contra seus companheiros templários. Embora algumas disputas internas fossem esperadas, Hasaval as levou ao extremo. Logo, os outros templários começaram a suspeitar — não, a se enfurecer. “Hasaval, o Varl” era sussurrado pelas suas costas. Ele era constantemente preterido em promoções, o que deleitava seus inimigos e só fazia com que Hasaval manipulasse e ameaçasse ainda mais. Por fim, toda a promessa de uma carreira brilhante morreu, e a reputação de Hasaval definhou. Outros o viam como uma doninha, um verme, uma lesma com ferrão.

Embora não mereça respeito, o templário amargurado ainda é poderoso e astuto o suficiente para morder aqueles que o ferem. A maioria dos templários o evita, aproximando-se dele apenas quando precisam que ele faça algum trabalho sujo. Mesmo isso é um risco, pois Hasaval sempre tem algum plano em mente para seu próprio engrandecimento. Se ele se tornar um inimigo dos PJs, eles devem estar sempre atentos a boatos maldosos, insinuações ardilosas e armadilhas arquitetadas para arruiná-los.



PdMs de Caminho para Urik

Puram de Urik

Meio-elfo
Templário/Psiônico
8º Nível/8º Nível
Leal e Mau



FOR 15 INT 13
DES 13 SAB 15
CON 14 CAR 16

CA 6;
pv 32;
TACO 16;
#Ataques I (clava);
Dano Id6

Itens mágicos: *Braçadeiras de defesa*, CA 6; *pó de espirros e engasgos*.

Magias Templárias: 1) *comando, maldição, suportar calor*; 2) *imobilizar pessoa, mensageiro, silêncio, 3m r*; 3) *falar com os mortos, moldar rocha*; 4) *curar ferimentos graves*.

Disciplinas dos Poderes Psiônicos: *clarissenciência, psicometabolismo, psicoteportação*; Ciências: *clariaudiência, drenar vida, precognição, teleporte*; Devoções: *envelhecer, visão panorâmica, controle corporal, arma corporal, mente de combate, sentir perigo, porta dimensional, dobrar dor, viagem onírica, sentido de veneno, sentir espiritos, gatilho de teleporte, desvio temporal*; Modos de Def: IF, MB, TS, TW. PFPs 90.

Puram de Urik é um jovem afável, eloquente e, ao mesmo tempo, enérgico. Ele exala energia e entusiasmo, a própria imagem de um homem capaz de realizar coisas — e ele consegue.

Puram quase nunca é apresentado por seu nome verdadeiro, pois ele é um espião. Ele pode aparecer como mercador, mercenário, mascate, mendigo, curandeiro, barbeiro, fazendeiro ou escravo — o que for mais conveniente para o seu propósito no momento. Ele coleta informações para seu mestre, o Alto Templário Unamas de Urik (a serviço de Hamanu, o rei-feiticeiro de Urik).

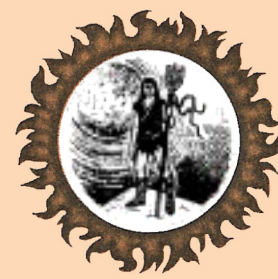
Puram não assumiu suas responsabilidades por imprudência. Embora aparente ser jovem e impetuoso, ele é, na verdade, bastante cauteloso e metódico, organizando seus movimentos e planejando suas atividades com

bastante antecedência. Ao mesmo tempo, compreende o valor de ações rápidas e decisivas e não teme correr riscos a serviço de seu mestre.

Parte da audácia de Puram provém da confiança em suas próprias habilidades, particularmente em seus poderes psiônicos. Ele sabe que os poderes de um templário são transitórios, concedidos a ele apenas enquanto mantiver o favor de seu temido rei-feiticeiro. Seus poderes como psiônico, contudo, são exclusivamente seus e já lhe permitiram escapar de mais de uma armadilha mortal. Puram, sabiamente, mantém suas habilidades em segredo: não há motivo para revelar a seus inimigos toda a extensão de seus poderes.

Nessa aventura, Puram foi enviado a Urik (disfarçado de guarda mercenário de caravana chamado Shikarva) para servir como batedor especial do exército. Sua missão é aprender sobre as defesas de Tyr e, quando possível, dificultá-las ou sabotá-las.

O maior ponto fraco de Puram é sua veia vingativa. Ele frequentemente justifica suas vinganças pessoais sob o pretexto de garantir a segurança de sua missão. Se os PJs se indispostem com esse meio-elfo, ele não perderá nenhuma oportunidade de prejudicá-los, convencendo-se de que eles estão colocando sua missão em risco.



Senador Vildeen de Tyrthani

Guerreiro Humano
4º Nível
Leal e Neutro



FOR 11 INT 13
DES 9 SAB 14
CON 9 CAR 17

CA 5;
pv 24;
TAC0 17;
#Ataques I (espada de metal);
Dano Id8

Itens mágicos: *Anel de proteção +5, manto de fogo e fumaça, bastão de negação*

Embora o Senador Vildeen seja idoso e não tenha muita força física, os personagens fariam bem em lembrar que força física não é o mesmo que poder real. O verdadeiro poder, como Vildeen descobriu, reside na riqueza e na influência — uma combinação que pode representar uma ameaça para qualquer um. É ao objetivo de conquistar poder que Vildeen dedicou toda a sua vida adulta.

As ambições de Vildeen foram despertadas ainda jovem, quando seu pai ocupou o cargo de senador da família. Naqueles tempos, os brutais templários de Kalak dominavam a cidade. O garoto logo aprendeu que a riqueza só conferia poder quando entregue às pessoas certas, então, na adolescência, Vildeen decidiu aprimorar suas habilidades em suborno. Ele aprendeu a identificar os alvos certos e as quantias adequadas, e esses subornos se traduziram em influência, proteção e prosperidade para a casa Tyrthanin, mesmo durante os anos difíceis da loucura de Kalak.

Nos anos que se seguiram à sua ascensão ao Senado, Vildeen manteve cuidadosamente o delicado equilíbrio: nunca poderoso o suficiente para representar uma ameaça aos templários, nunca fraco o suficiente para ser ignorado.

Desde a revolução, a casa de Vildeen tem enfrentado tempos difíceis. Muitos dos templários favoritos de Vildeen morreram ou mudaram de lado repentinamente, e a libertação dos escravos reduziu as receitas das propriedades da família. Os Tyrthani viram seu poder

subitamente enfraquecido, embora não destruído.

Embora descontente com essa reviravolta, Vildeen a encara apenas como um revés temporário. Ele já se dedicou a reconstruir sua rede de contatos, cultivar novas amizades e adotar uma imagem mais favorável à democracia. Se possível, Vildeen prefere trabalhar com os PJs e não contra eles.

No entanto, a relação do senador com os personagens é influenciada por seus sentimentos em relação aos rebeldes. Incerto quanto aos seus verdadeiros objetivos e metas, ele presume que qualquer um que não esteja do seu lado deve estar contra ele. Se os personagens não estiverem dispostos a aceitar suas condições, ele supõe que eles tenham algum objetivo secreto para destruir a nobreza: afinal, esse é o caminho dos revolucionários.

Uma vez que Vildeen se opõe aos PJs, ele não age abertamente. Ele está muito consciente da posição de sua família, e ataques descarados contra os PJs poderiam destruir tudo o que ele reconstruiu com tanto cuidado. Mas ignorar qualquer ameaça que os PJs representem poderia trazer um desastre igualmente grave. Portanto, Vildeen age de forma rápida, porém secreta, contra o grupo. Ele pode enviar um bardo para envenenar a comida deles (uma de suas táticas favoritas). Um intendente a serviço de Vildeen pode reter suprimentos cruciais que os personagens precisam para suas tropas. Projetos de lei úteis ou favoráveis à causa dos PJs podem ser retidos indefinidamente no conselho. Acidentes fatais podem simplesmente “acontecer” com eles.

Se os PJs fizerem de Vildeen um inimigo, terão uma tarefa quase impossível para provar seu envolvimento em qualquer conspiração contra eles. Tampouco podem simplesmente atacá-lo: o senador passa a maior parte do tempo em sua vila fortemente fortificada nos arredores da cidade, bem protegido por guarda-costas anões fanaticamente leais.



Mestre Sintha

Ladrão Humano (aposentado)

7º Nível

Neutro



FOR 13 INT 17
DES 16 SAB 12
CON 13 CAR 16

CA 10;
pv 29;
TAC0 17;
#Ataques 1
Dano causado por arma

Mestre Sintha começou sua carreira como um agente júnior de uma das muitas casas mercantes de Tyr, os Valex. Mais especificamente, ele era o quarto filho do líder da casa, tão baixo na ordem de precedência costumeira que pouco se esperava ou exigia dele. Ainda assim, o futuro mestre dos Valex não se deixou deter.

Quando jovem, Sintha aprendeu as artes da persuasão — habilidades que ele apreciava não pelo ganho monetário, mas pela vantagem que lhe davam para fechar uma venda ou superar a concorrência. Ele queria um relatório de vendas crucial de uma companhia rival ou uma prévia de um contrato que ela estava negociando? Sintha descobriu que era muito mais seguro confiar em suas próprias habilidades do que nas de um mercenário. Ele ganhou a reputação de negociador excepcional, que sempre parecia ter a informação correta em mãos.

Sintha, ao contrário de muitos ladrões, não se deixou levar pela adrenalina do crime. Em vez disso, seu olhar estava fixo no cargo mais alto da família Valex. Assim, começou a mudar sua imagem e aprimorar suas habilidades administrativas. Deixou de lado os estudos sobre a arte do roubo e dedicou-se integralmente à gestão dos negócios da família. Seu vigor e ambição superavam os de seus irmãos e irmãs, e tornou-se impossível negar sua posição como herdeiro aparente da fortuna familiar.

Sintha, sabiamente, garantiu que todos os seus irmãos, irmãs, tios, tias e primos estivessem seguros e confortáveis. Assim, quando seu pai finalmente faleceu, o poder passou tranquilamente para as mãos de Sintha. A casa mercantil

continuou a prosperar e, em muitas regiões, superou a concorrência.

Sintha não chegou ao topo sendo uma boa pessoa. O homem é implacável e frio com aqueles que estão fora da Casa de Valex e da comunidade mercantil. Qualquer ameaça externa é eliminada com rapidez e eficiência, muitas vezes com total desrespeito à lei. Sintha não teme represálias por causa de seu poder. Até mesmo os altos templários hesitam em irritar uma das poderosas casas mercantes: é muito mais fácil aceitar o suborno e fingir que não vê nada.

Se Sintha acredita que os PJs representam ou podem representar uma ameaça à Casa de Valex, ele não hesitará em agir. Os personagens descobrirão que, para eles, o custo de tudo é dobrado, até mesmo triplicado. A influência de Sintha se estende muito além da Rota das Caravanas, alcançando as tabernas e os artesãos que dependem dele para suprimentos.